

**RESENHA: LÓPEZ FÉREZ, JUAN ANTONIO (ED.) LA  
COMEDIA GRIEGA EM SUS TEXTOS. MADRI: EDICIONES  
CLÁSICAS, 2014, 314 P., ISBN 978-84-7882-9)**

O conjunto de ensaios reunidos por Juan Antonio López Férez, intitulado *La comedia griega em sus textos*, é fruto dos trabalhos apresentados na VI *Jornadas Internacionales na Universidad Nacional de Educacion a Distancia (UNED)*, de Madrid, realizado em outubro de 1997. No entanto apenas em 2014 este livro veio a luz, contando com textos de autoridades na área da comédia grega, tais como Jeffrey Henderson, Allan Sommerstainn, Geoffrey Arnott, Giuseppe Mastromarco, Maria Grazia Bonano, entre outros. É notável essa publicação nesse momento em que muitos estudos sobre a comédia grega têm aparecido, sobretudo para dar visibilidade a obra de outros poetas além de Aristófanes, e nesse molde de estudos reunidos poderíamos destacar duas publicações feitas no mesmo ano desta que agora comentamos, tais como: *The Cambridge Companion to Greek Comedy*, de 2014, editado por Martin Revermann; e *The Oxford Handbook of Greek and Roman Comedy*, também de 2014, editado por Michael Fontaine e Adele Scafuro.

Dentre os dezesseis ensaios reunidos nesse volume, oito deles tem como objeto a comédia de Aristófanes; três deles são sobre a comédia nova de Menandro; e os restantes se debruçam sobre a obra de outros poetas cômicos menos estudados, como Crates, Platão cômico, Antifanes e Cratino, contemplando distintos períodos da produção cômica do séculos V e IV a.C. Dos que tratam de Aristófanes, verifica-se um amplo leque de comédias analisadas, tais quais: os *Cavaleiros*, em texto de Jeffrey Henderson (“The portrayal of the slaves in the prologue of Aristophanes’ *Knights*”), que examina a figura dos escravos no prólogo da peça, geralmente identificados com os políticos Demostenes e Nícias, caracterização essa que é problematizada pelo autor apontando quais os traços que podem se referir a estas personalidades públicas, mas verificando sobretudo a escassez de elementos para se afirmar essa sátira direcionada com a certeza que lhe é atribuída por vários editores dessa peça; esse estudo já havia sido publicado anteriormente (G. W. Bakewell and J. P. Sickinger, *Gestures: Essays in Ancient History, Literature and Philosophy presented to Alan L. Boegehold*, 2002, pp. 63-73). Sobre *Lisistrata* é o estudo

de Franca Perusino (“I coreuti ‘piede di lupo’ nella *Lisistrata* di Aristofane”), analisando as referências a tirania ateniense nessa peça dos anos 410s, sobretudo na parábase cômica e na constituição do coro, que também já foi publicado anteriormente (*Quaderni Urbinati*, 1998, p. 58). Quanto às *Rãs*, Maria Grazia Bonanno (“Metáfora e critica letteraria. A proposito di Aristofane, *Rane*, pp. 900-904”) traz uma reflexão sobre as metáforas e a crítica literária nesta obra tardia de Aristofanes, centrando as análises no *agon* entre Eurípidés e Ésquilo; e ainda há o texto de Bernhard Zimmermann (“Le *Rane* di Aristofane e le tendenze della Letteratura greca dalla fine del quinto agli inizio del quarto secolo: riflessioni su un periodo di transizione”), que, como o próprio (extenso) título demonstra, trata dessa obra de 405 que se insere em um período de passagem da chamada comédia antiga para a comédia intermediária, o estágio de transição até a consolidação da comédia nova no século IV. Outra comédia que figura entre as estudadas é *Nuvens*, sobre a qual consta o texto de Angelo Casanova (“La revisione dele *Nuvole* di Aristofane”) sobre a reescrita da peça apresentada em 423 a.C., tema já muito discutido, mas que sempre volta à tona nos estudos da comédia, devido à importância dessa obra em vista do panorama histórico que ela apresenta, sobretudo da relação de Aristófanes com seus rivais cômicos; este texto já havia sido publicado anteriormente como artigo (*Prometheus*, p. 26, 2000).

Ainda se poderia destacar outros ensaios mais gerais sobre a obra do principal autor da comédia antiga, tal como o ensaio de Antonio López Eire (“La comédia aristofánica a la luz de la pragmática”), que é na verdade um apanhado de citações cômicas divididas por temas como política, educação e religiosidades com breves comentários introdutório; ou ainda o ensaio da portuguesa Maria de Fátima Silva, embora escrito em francês (“L'étranger dans la comédie grecque ancienne”) tratando a figura do *xenos* na comédia antiga, sobretudo em Aristófanes, mas comentando casos mais arcaicos como em Mágnes, Quionides, Calias, entre outros – embora alguns apontem para o tema do estrangeiro apenas nos títulos das obras que nos restaram. Já o estudo de David Konstan (“Aristófanes sobre la compasión y el temor”), trata da compaixão e do medo nas comédias aristofânicas contrastadas com a função dessas emoções nas tragédias segundo as definições dadas por Aristóteles na *Poética* e na *Retórica*, sugerindo que essa era uma questão em aberto ainda no século V a.C. Outro texto mais geral é o de Juan Antonio López Férez (“Sophia en las obra conservadas de Aristófanes”). O organizador dessa reunião traz um estudo lexical das ocorrências do termo *sophia* na obra de Aristófanes, que cobre cinco comédias: *Nuvens*, *Vespas*, *Aves*, *Rãs* e *Pluto*. Neste que é de longe o mais vasto trabalho do volume o organizador se utiliza da base de dados on-line do programa TLG para fazer a contabilização das ocorrências, notando que o programa apresenta algumas bizarrices cronológicas, tal como localizar Ésquilo no século VI e Platão e Xenofonte no V, e por isso o autor recomenda uma revisão dos dados antes de serem utilizados. Para além do mero

método de pesquisa o estudo apresenta resultados de uma análise sucinta desses termos nessas cinco comédias citadas, concluindo com uma definição de um uso por vezes laudatório do termo, por vezes negativo, e atribuído na maior parte das vezes a um modismo sofisticado daquele momento, satirizado pela comédia.

Sobre os demais autores se destacam os estudos acerca da comédia nova de Menandro, como o de Eric Handley sobre o *Dys Exapaton* (POXY 4407: Menander, *Dys Exapaton*, pp. 18-30), de caráter bastante técnico e filológico, discutindo a atribuição de um trecho dos Oxyrhyncus Papyri à obra *Dys Exapaton* com base em comparações com *Bacchides* de Plauto, adaptação romana dessa comédia menandriana. Outro dos textos sobre Menandro é o de Geoffrey Arnott a cerca de *Samia* (Menander, *Samia*, pp. 96-111), obra que talvez seja mais bem preservada da comédia nova depois do *Dyscolos*, e que é discutida em relação a questões como a datação da obra, a atribuição das falas dos personagens e outras dificuldades de interpretação, sobretudo sobre esse trecho inicial da obra, dos vv. 96-111. Mais geral é o de Giuseppe Mastromarco (“Scene notturne nelle commedie di Menandro”), especificamente sobre uma espécie de cena cômica típica na comédia nova.

Já os estudos sobre os autores mais obscuros merecem uma ênfase maior, sobretudo pela escassez que se tem deles, embora essa lacuna venha sendo preenchida nos últimos anos com uma atenção renovada sobre a obra destes comediógrafos que nos chegaram apenas por fragmentos. O estudo que abre esse livro é justamente sobre um desses poetas da comédia antiga, Crates, e neste texto de Jesús Lens Tuero (“Los fragmentos utópicos de *Las bestias* de Crates”) é abordada a questão da utopia nos fragmentos da obra *As bestas*. Nesta utopia específica o poeta cômico trata da automação de objetos inanimados tal como uma mesa que arruma a refeição sobre ela mesma, ou uma taça que lava a si mesma depois de usada, tema que já remonta a Homero (*Il.* XVIII, 376) com uma trípole dotada de rodas feita por Hefesto que se move por si mesma, e o autor busca relacionar essas utopias com possíveis soluções ao problema da escravidão doméstica. Outro destes poetas “menores” que mereceu um estudo específico é Platão cômico, em texto de Enzo Degani (“Parodia e gastronomia in Platone Comico”), especificamente sobre um fragmento, 189 KA. Nesta obra de 391 a.C., portanto mais caracterizável como expoente da comédia média do que a antiga, é o tema da gastronomia que é escolhido para o estudo, que aparece neste fragmento relacionado com receitas afrodisíacas e tonificantes. O tema da gastronomia nos fragmentos cômicos é um dos campos mais explorados, tanto pelos próprios poetas, como pela crítica recente, valendo destacar dois estudos nessa área: o de John Wilkins (*The Boastful Chef, The Discourse of Food in Ancient Greek Comedy*. Oxford, 2001), e o de Matteo Pellegrini (*Utopie e immagini gastronomiche nei frammenti della Archaia*, Bologna, 2000). Além desses dois expoentes da comédia antiga, Platão cômico e Crates, embora a produção do primeiro perdure até a fase comédia média, o

volume conta com um estudo sobre um autor importante do século IV a.C., Antífanes, em texto de Michel Menu (“Les sentences chez Antiphane”). Este estudo consiste basicamente em um apanhado de máximas presentes na obra de Antífanes divididos por tipos de registros, dos quais são destacados dois específicos: o gastronômico e o “gnomológico”, segundo a terminologia do próprio autor, e que é subdividido em temáticas *gnômicas* específicas, como o conhecimento acerca da morte, do destino, do casamento, da amizade, e mais uma serie deles elencados e exemplificados – sendo privilegiado nesse caso as máximas de sabedoria, e menos a temática gastronômica, como feito no texto sobre Platão cômico.

Por fim o ensaio que fecha o volume é uma análise que incide no testemunho de um crítico antigo obscuro, chamado Platônio, sobre a obra de Cratino e Aristófanes (“Platonio, *Diff. Com.*, pp. 29-31 y pp. 46-52 Koster: *Eolosikon* de Aristófanes, *Odisseos* de Cratino y la comedia media”), já publicado como anexo em livro do mesmo autor (*Talking about Laughter: And Other Studies in Greek Comedy*. Oxford, 2009, pp. 272-288). Essa espécie de epítome sobre o gênero cômico intitulada *Das diferentes formas da comédia*, de autoria de Platônio e incluída entre os *prolegomena* da edição de Koster, traz um testemunhos sobre estas obras de Aristófanes e Cratino que estão mencionadas no título do artigo, *Eolosikon* e *Odisseos*. O autor desse tratado coloca essas duas obras como pertencentes a fase da comédia intermediária, o que é evidenciado por Sommerstein como um erro evidente deste crítico, sendo a peça de Aristófanes de 388 a.C., período em que Cratino já estaria morto a algumas décadas. Outras anomalias são destacadas nesse tratado, como a informação de falta de passagens corais em tais peças, o que é bastante contestável por fragmentos atribuídos a essas obras (Cratino fr. 151 KA, Aristófanes fr. 8 KA).

Como conclusão pode-se dizer que esta reunião de ensaios sobre a comédia tem seu valor ressaltado por cobrir um amplo leque de temáticas relacionadas ao gênero cômico, assim como abrange diferentes períodos da produção grega nesse gênero. Mais ainda do que a completude temporal e a escolha variada de temáticas este livro entrega o que ele promete em seu longo subtítulo: *La comédia griega em sus textos – Forma (lengua, léxico, estilo, métrica, crítica textual, pragmática) y contenido (crítica política y literária, utopia, sátira, intertextualidade, evolución del género cómico)*. Cada uma destas facetas aludida no subtítulo conta com pelo menos um ensaio dedicado a ela, o que dá mostras dos diversos campos de estudos que podem se relacionar com a comédia grega, tanto de caráter mais linguístico e filológico, passando pelo inestimável testemunho histórico do século V proporcionado pela fase antiga, até a temáticas mais universais como é o caso do registro gastronômico e das utopias – temas bastante atuais e de interesse constantemente renovado, assim como já foi muitas vezes ressignificada a crítica política e antibelicista da comédia aristofânica em diversos momentos da história.